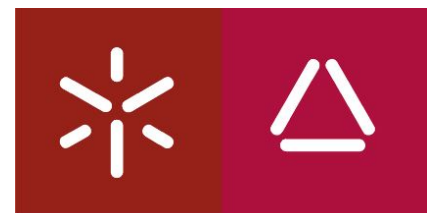


Licenciatura em Ciências da Comunicação
Atelier de Audiovisual I
Docente Pedro Flores
Maria Gonçalves Machado a92127



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Análise Fílmica

Lost in Translation (2003)



Introdução

No âmbito da unidade curricular de Atelier de Audiovisual I foi-nos proposto, como trabalho individual, a análise de um filme. O filme que elegi para esta finalidade foi *Lost in Translation*, escrito e realizado por Sofia Coppola, em 2003.

O drama filmado em apenas 27 dias conta com a participação de Bill Murray e uma jovem Scarlett Johansson no papel de protagonistas. Coppola confessou numa entrevista que imaginara apenas Murray no papel principal e caso este não aceitasse participar, o filme não seria feito. A diretora admitiu também que grande parte do guião foi escrito de forma a permitir a liberdade criativa dos atores e a possibilidade de acrescentar linhas de diálogo que achassem pertinentes. Desta forma, toda a cena da sessão fotográfica do uísque Suntori foi improvisada por Bill Murray, apenas com Coppola a sussurrar ao fotógrafo o que dizer.

A narrativa conta a história de Bob Harris, uma estrela de cinema esquecida, e Charlotte, uma jovem perdida no casamento e na vida. Os caminhos dos protagonistas cruzam-se num hotel em Tóquio, onde ambos estão a passar algum tempo. Sem qualquer conhecimento da língua ou da cultura do país onde se encontram, são deixados à sua mercê para explorar o hotel e a cidade. É durante uma noite interrompida por insónias que os personagens se conhecem e estabelecem diálogo pela primeira vez. A partir daí, encontram-se regularmente, no silêncio da noite, para se tornarem inesperados companheiros de viagem.

Personagens

No centro da ação desta história temos Bob e Charlotte, dois americanos “caídos” no coração da cidade de Tóquio.

Bob Harris é uma antiga estrela de cinema esquecida, que consegue ainda tirar proveito da sua fama e faz anúncios publicitários que lhe permitem continuar a viver uma vida desafogada. É um homem de meia idade com um casamento a afundar e com filhos que negligencia inconscientemente.



Apesar disto, Bob é uma personagem soturna e séria na primeira metade do filme, que deambula pelo hotel à noite com insónias e que não consegue estabelecer relações. A própria relação com a sua esposa, que lhe telefona constantemente ao longo da narrativa, é percebida como superficial e ilusória, vitimada, talvez, pelo tempo. As suas breves interações são sobre a remodelação do escritório ou comentários rápidos sobre os filhos. Existe em particular uma cena na qual Bob recebe uma encomenda da mulher, onde se encontram cerca de uma dúzia de amostras de cor, quase indistinguíveis entre si. Essa cena tem valor cómico, mas ajuda também o público a perceber a dimensão da relação conjugal dos dois.



Podemos testemunhar que o protagonista masculino não encontra compreensão nem confiança no seu casamento. Ele apenas quer ser ouvido. Por diversos momentos existe uma tentativa, por parte dele, na direção de mostrar à esposa como se sente, mas nunca é ouvido realmente. A esposa ouve, mas de seguida ignora os seus sentimentos, considerando que a sua estadia em Tóquio se trata de uma semana de férias pagas e que, por esse motivo, ele não pode ter razão de queixa. Na cena em que ele se encontra nos banhos japoneses, confessa ao telefone múltiplos desejos de se tornar uma pessoa melhor, todos descartados pela mulher.

Para além disto, Bob não se encontra feliz com o trabalho que faz, apesar de bem remunerado. Acaba por confessar a Charlotte, na sua primeira conversa no bar, que não sabe por que faz aquilo e que não sabe também porque não está a fazer peças de teatro, algo que lhe traria verdadeiro prazer. Acaba confrontado pelo conforto da vida que leva, e, em contrapartida, vê-se a viver no vazio, sem gosto pelo que faz.

Simultaneamente, está a passar por uma crise de meia idade. Mostra-se com medo de já ter feito tudo o que a vida tinha para oferecer, e que a partir daí tudo seja “plano”. Este receio amplifica o sentimento de isolamento e solidão do protagonista, que fazem dele a personalidade cínica e grave do início do filme.

Em contrapartida, Charlotte acabou de se formar em Filosofia na Universidade de Yale e está presa num lugar de incertezas. Mostra-se incerta quanto ao seu casamento, com o que fazer com a sua carreira e, no geral, não sabe quem é nem quem quer ser.



Charlotte encontra-se em Tóquio a acompanhar o marido que trabalha como fotógrafo de entretenimento. Perdida e sem nada que fazer na sua terra natal, resolve deixar-se arrastar para o outro lado do mundo. No entanto, com John constantemente em trabalho, Charlotte passa a maior parte do tempo fechada no seu quarto de hotel a questionar o seu propósito.

É desta forma que, ao longo da sua estadia, sente a solidão e desconexão do seu casamento, provocado, talvez, pelo matrimónio em tão tenra idade. É nos mostrado no filme também que Charlotte se mudou de Nova Iorque para Los Angeles por desejo de John, apesar não gostar particularmente da cidade. Assim, podemos testemunhar uma jovem que se deixa arrastar pelas personagens de destaque na sua vida, numa tentativa de descobrir o que quer para si.

Percebemos que Charlotte sofre quer pela barreira linguística do lugar onde se encontra, quer pela barreira emocional da sua relação, e que isto se reflete na sua atitude adormecida na primeira parte do filme, própria de quem está a experienciar um forte isolamento.

Numa cena é mostrada a tentativa da protagonista de se abrir emocionalmente com uma amiga através do telefone. Aí, ela expressa um desconcerto ao explicar que ao ver e ouvir cânticos de monges num templo, não sentiu absolutamente nada. Na continuação do desabafo, confessa também que não reconhece a pessoa com quem se casou. Na sequência disto, acaba por ser negligenciada emocionalmente pela amiga, que não ouviu e pede para ela repetir.

Esta cena não é, no entanto, sobre o que aconteceu no templo ou o que aconteceu com o casamento, mas sim sobre a forma como Charlotte se sente em relação a isso. Permite-nos

perceber que o seu estado emocional se encontra debilitado e que qualquer coisa que possa parecer pequena é suficiente para o desordenar.



Neste sentido, ambos os protagonistas sofrem, à sua maneira, do isolamento e solidão providenciados, quer pelas barreiras linguísticas e culturais de um país que não conhecem, quer pelas suas próprias limitações psicológicas e emocionais. O resultado visível deste desconforto na própria pele pode ser demarcado pelas insónias que ambos sofrem. Esta condição acaba por atuar como uma ponte entre eles.

É então, durante uma das noites mal dormidas, que estabelecem a primeira conversa real, no bar do hotel. Não se trata de uma conversa com segundas intenções ou constrangimentos, na verdade, o diálogo desenrola-se de forma bastante natural, deixando o espectador relaxado e “leve”. Não é coincidência que o espectador seja deixado à espera mais de 30 minutos até que os protagonistas troquem as suas primeiras falas. Era importante que o público conhecesse bem o íntimo de cada um deles, para depois perceber também melhor a natureza da sua relação. Desta forma, a primeira conversa real torna-se fulcral para vincar a naturalidade com que conversam, contrastando com a tensão que emanavam até aí.



Depois desta primeira interação, os seus encontros noturnos começam a tornar-se regulares. Juntos exploram a vida noturna da cidade de Tóquio, os corredores do hotel e os vários canais de televisão. O decorrer da narrativa é lento, mas necessário para fluir espontaneamente. Bob e Charlotte vão se libertando e começando a criar intimidade.

Ao longo da construção da sua relação platônica, surgem paralelismos com atividades que no início do filme os protagonistas pareciam não gostar. Assim, deambular pelas ruas da cidade tornava-se agora uma corrida a dois pelo meio do trânsito; fazer *zapping* pelos canais da televisão quando não conseguiam dormir tornava-se uma atividade conjunta para passar o tempo; o simples ato de uma ida ao hospital tornava-se uma aventura.

Bob e Charlotte precisavam de alguém que os ouvisse e entendesse e encontraram isso um no outro. Cada um provocou no outro o sentimento de pertença que precisavam, fazendo com que encarassem a vida de outra forma. Bob encara agora as dificuldades do idioma com humor e despreocupação, como testemunhamos na cena do hospital, e Charlotte ganha uma nova perspectiva das suas dúvidas com os conselhos do companheiro.

O ponto fulcral da sua relação no filme alude para a noite em que, deitados na cama, colocam questões um ao outro, falam sobre os seus problemas e as dificuldades da vida. Em qualquer outro romance teria sido talvez aqui, também, que os protagonistas consumariam a sua relação. No entanto, depois das várias conversas, ambos adormecem, lado a lado inocentemente. É aqui que o público sente, em toda a sua plenitude, a pureza da sua relação. Depois de várias noites atormentados com insónias, conseguem finalmente adormecer.



Direção de Arte

Em *Lost in Translation* era bastante importante que o aspeto visual coincidissem com o aspeto emocional das personagens, para melhor ajudar o público a perceber o seu interior. Neste sentido, o diretor de arte ajudou a que o conceito visual do projeto funcionasse perfeitamente. Assim, a equipa dirigiu-se para Tóquio. A utilização do décor natural, de estruturas e ruas reais onde lhes era permitido passar realisticamente o sentimento de desconexão e choque cultural era fundamental para a narrativa.

Na primeira parte do filme, dentro do hotel, espaço temporário e representante de reclusão, existiu a escolha de contrastar os personagens com o ambiente exterior. Desta forma, podemos apontar para várias cenas em que os protagonistas se sentam em frente das janelas dos seus quartos, inertes, tendo como fundo a movimentada cidade.



Este confronto com o isolamento do mundo exterior também pode ser percebido na escolha recorrente de manter a maior parte da imagem vazia, perpetuando no público a sensação de solidão exacerbada que os personagens estão a sentir nesse particular momento.



Um outro recurso utilizado é o confronto direto dos protagonistas com a cultura e os habitantes japoneses. Estes momentos revelam ter dois propósitos. Por um lado, são usados como elementos cômicos, como é o caso, por exemplo, da evidência altura de Bob em contraste com a altura média dos nativos do Japão; ou a dificuldade de compreensão da língua, que acabava por criar mal-entendidos. Por outro lado, este elemento procura destacar os protagonistas do meio em que se encontram e salientar, ainda mais, o quanto não encaixam e se sentem limitados pelas barreiras culturais e linguísticas, impedindo-os de formar qualquer relação. A escolha destas imagens permite ao espectador acompanhar as personagens no seu sentimento de estranheza e desconexão com a cidade.



Um outro recurso utilizado é a colocação dos protagonistas na posição do observador. Na metade inicial do filme, quando se encontram presos no seu isolamento, Bob e Charlotte posicionam-se como observadores face ao resto do hotel e da cidade. Esta escolha ajuda também o espectador a colocar-se lado a lado com as personagens, na descoberta de uma cidade e cultura que não conhecem. Estas escolhas são o que atribuem ao filme uma qualidade tão intimista.





Por oposição, é quando os protagonistas estão juntos que se tornam participantes ativos na cidade, no hotel e na sua própria história. É na segunda metade do filme que os vemos a interagir diretamente com os habitantes e a cultura do sítio onde se encontram. Vemos na construção das imagens a espontaneidade que agora mostram. Para além disso, a maioria dos seus momentos juntos é à noite, elemento que interliga os dois. E é precisamente por os termos acompanhado lado a lado na primeira metade do filme, que agora podemos também sorrir com eles e com as suas conquistas.





Um outro ponto de relevo a abordar no campo da direção de arte de *Lost in Translation* é a escolha de Sofia Coppola de gravar o filme em analógico, com rolos de 35mm. Esta decisão não terá sido a mais apoiada pelo pai da realizadora, que a aconselhou no sentido de investir na era de vídeo digital que nascia nos anos 2000.

A verdade, no entanto, é que a opção do analógico serviu para acrescentar o sentimento intimista e realista que já percebemos como sendo um ponto fulcral. Em adição, foi também feita a escolha de não usar qualquer tipo de luz artificial nas cenas filmadas no exterior, para captar a verdadeira essência da cidade de Tóquio.

Assim, é importante focar na paleta de cores presente na narrativa. Ao longo do filme vemos que as cores das diferentes cenas não variam em muito. São sempre utilizadas cores mutadas e escurecidas, maioritariamente azuis, cinzentos, beges e tons de rosa. Mesmo nas cenas em que aparecem cores mais variadas e quentes, acabam por ser pouco saturadas. O único

contraste verificável é o das luzes *néon* como fundo, simbolizando o movimento e vivacidade do ambiente noturno de Tóquio. Dessa forma, o filme acaba por se tornar muito coeso e identificável.



A utilização destas cores é, não só resultado da escolha do analógico, mas também relevante para a representação do estado emocional das personagens, como, aliás, tudo o é nesta história. Os tons pálidos e empobrecidos conferem um ambiente recluso, intimista, e, simultaneamente, melancólico e solitário. E isto é relevante porque são precisamente este tipo de estímulos visuais que ajudam a criar e consolidar a empatia do público para com as personagens.

Conclusão

Este não é um filme com uma narrativa linear e com um grande objetivo a atingir no final. Pelo contrário, assistir a *Lost in Translation* é uma experiência que nos envereda por um mundo depressivo e solitário. Todo o filme é construído com um tom intimista em mente, para que fosse claro que o objetivo da narrativa era a construção e desenvolvimento de duas personagens o mais humanas possível. E assim foi. Podemos testemunhar durante a análise várias referências a conceitos como solidão e isolamento, porque a realidade é que este projeto acaba por se tratar, efetivamente, de um ensaio sobre a solidão e a condição humana.

Bob e Charlotte estão condenados a uma relação momentânea e, por isso, o filme não é também sobre a sua relação amorosa. É, no entanto, sobre uma relação de afetividade e mútua compreensão que faltava nas suas vidas até aquele momento. O filme acaba com a separação dos dois companheiros que estavam já cientes que iria acontecer. O que poderá acontecer depois, as alterações que cada um poderá fazer na sua vida, estão nas mãos da imaginação do público. “O que importa não é o destino, mas sim a viagem”. Este filme não retrata o

romance dos protagonistas de forma negativa por ser temporário, pelo contrário, usa essa efemeridade para marcar mais um momento na vida de ambos e ajudá-los a avançar.

Existe um objetivo claro na escolha da localização de cada cena, que foi pensada cuidadosamente para servir o propósito do filme. E já que esse mesmo propósito é a construção do desenvolvimento das emoções dos protagonistas, era necessário que os diferentes *shots* e as cores apresentadas fossem manifestações exteriores e físicas dessas mesmas emoções.

Assim, para que o projeto fosse completo, era preciso colocar o espectador lado a lado com os protagonistas. Apenas com essa relação de proximidade seria possível estabelecer a ligação pretendida e indispensável para tornar este filme uma experiência na sua plenitude.

